

A VARIAÇÃO NO TOPÔNIMO BAIACU: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

Cristiane Fernandes Moreira¹

Resumo: *William Labov é que mais aprofunda e sublinha o papel decisivo da Sociolinguística, sendo, portanto, reconhecido como mentor da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Labov salienta os fatores sociais na explicação da variação lingüística, isto é, na diversidade lingüística, a partir da publicação do seu célebre trabalho sobre a comunidade da Ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts. Em 1963, Labov salienta o papel decisivo dos fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento lingüístico manifesto dos vineyardenses, sobretudo a pronúncia, a centralização dos ditongos /ay/, /aw/ e sua propagação no ambiente prosódico, fonético e estilístico. No ano seguinte, finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês de Nova York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas. Esses estudos são de grande impacto para a Lingüística Contemporânea, pois o modelo de tais estudos passa a ser conhecido como Sociolinguística Variacionista Quantitativa ou Teoria da Variação. Para Labov, a linguagem é manifestada no contexto social e, sobretudo, em situações informais, o que significa dizer que a heterogeneidade é inerente ao sistema lingüístico. É nesse contexto que se encontra **A Variação no Topônimo Baiacu: uma proposta de análise sociolinguística. O trabalho tem como objetivo analisar a variação do topônimo Baiacu. Trata de uma tentativa de análise da variação fonética, a partir de um “olhar” sociolinguístico do nome próprio de uma localidade. Tenta explicar como os falantes da comunidade de pescadores de Baiacu-Ilha de Itaparica/Bahia têm utilizado as variantes oxítone Baia[ku] e paroxítone Ba[ia]cu e quais fatores sociais e lingüísticos são mais favoráveis para as suas ocorrências. É um trabalho que se insere na Sociolinguística, uma vez que procura descrever as causas sociais para a variação. Tentar-se-á verificar a presença dos elementos fonéticos nas falas dos sexos masculino e feminino e também no fator diageracional, em que compara a fala dos membros da comunidade segundo a idade.***

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; Mudança.

Neste trabalho objetiva-se analisar a variação no topônimo Baiacu, destacando as diferentes realizações das duas variantes fonéticas do mesmo nome. Trata de uma tentativa de análise da variação fonética, a partir de um “olhar” sociolinguístico do nome próprio de uma localidade. Para tanto, tenta explicar como os falantes da comunidade de pescadores de Baiacu-Ilha de Itaparica/Bahia têm utilizado a variante oxítone [Baja'ku] e a variante paroxítone [Baj'aku], e quais fatores sociais e lingüísticos são mais favoráveis para as suas ocorrências. Logo, é um trabalho que se insere na Sociolinguística, uma vez que procura descrever as causas sociais para a variação. Portanto, verifica-se a presença desses elementos nas falas dos sexos masculino e feminino e também no fator diageracional, em que compara a fala dos membros da comunidade segundo a idade.

Usando a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana, busca-se realizar uma análise da variação quanto à acentuação no topônimo Baiacu, tendo por base o tempo aparente,

¹ Estudante do Curso de Especialização em Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: svencris@yahoo.com.br. Orientadora: Tereza Pereira Gonçalves Leal.

isto é, a observação do comportamento lingüístico de falantes em diversas faixas etárias. A partir disso, verificar em que fator social predomina mais o fato lingüístico estudado e em que contextos e/ou circunstâncias ocorrem.

Para tanto, utilizou-se de um conjunto das ocorrências documentadas para uma pesquisa outrora realizada como um dos requisitos para a obtenção do título de especialista em Letras. De cada um desses *corpus*, extraiu-se do conjunto todas as ocorrências do nome, perfazendo um total de dezesseis (16) ocorrências para a oxítona [Baja'ku] e dezoito (18) ocorrências para a variante paroxítota [Baj'aku] coletadas em dois fatores sociais distintos: gênero e idade. Dentre as ocorrências, algumas figurarão no trabalho nos exemplos. Esses inquiridos, documentados em questionários, apresentam as características básicas de conversações espontâneas, com uma ressalva apenas para o que Labov classifica de “paradoxo do observador”, mas verifica-se a participação e o engajamento efetivo dos informantes. Estes, por sua vez, estão estratificados em três faixas etárias: 20-35 anos; 36-55 anos e 56 em diante. A distribuição dessas faixas etárias foi adaptada conforme a realidade da comunidade, por compor-se de rede social densa, isto é, as relações entre os membros são mais fechadas, há menos interações.

A exposição inicia-se pela fundamentação teórica e metodológica, a fim de explicar mais a respeito dos pressupostos teóricos da Sociolingüística, da Fonética e do fato lingüístico estudado, neste caso, a acentuação. No capítulo onde se retrata a teoria e a metodologia, tenta-se explicar também quem são os informantes, o que fazem, qual a faixa etária e o gênero. A seguir, descreve-se a Ilha de Itaparica com ênfase para a comunidade de Baiacu, com o intuito de melhor contextualizar o objeto de estudo. Depois, analisa-se a variação no topônimo Baiacu com base nos números de ocorrências dos fatores idade e sexo e na visão de alguns estudiosos. Por fim, apresentam-se as considerações finais. Há também, uma pequena referência para dar suporte e explicar melhor os dados observados e, ao mesmo tempo, para servir de base para estudos posteriores.

Deste modo, a pesquisa proposta tem como objetivo analisar a variação do topônimo Baiacu e em quais ambientes e fatores as duas variantes ocorrem, quem a diz mais, se homem ou mulher, qual grupo lidera, qual é a mais empregada, em que faixa etária e em quais circunstâncias. No entanto, cabe ressaltar que se trata apenas de um trabalho piloto, passível de um melhor aprofundamento acerca do tema, mesmo porque as variantes fonéticas do nome Baiacu são consideradas, neste trabalho, como um modelo para a análise sociolingüística, ou seja, variantes lingüísticas ligadas aos fatores sociais. Logo, espera-se que sirva para demonstrar, em uma outra oportunidade, até que ponto essa variação pode se tornar uma mudança em curso nas falas femininas.

Da década de sessenta para cá, tem-se multiplicado, nas universidades brasileiras, vários projetos locais, regionais e nacionais que resultam no conhecimento mais diversificado da realidade lingüística. Além dos grandes projetos, muitas pesquisas sobre os diversos fenômenos de variação do português falado no Brasil têm sido realizadas, sendo portanto, possível estabelecer uma ligação entre esses trabalhos e a variação quanto à acentuação no topônimo Baiacu.

Sabe-se que, com o advento da Sociolingüística dos anos 60, houve um maior aprimoramento metodológico, e Dialetologia e Sociolingüística ficaram tão próximas que se torna até difícil distinguir uma da outra. Com base em Silva-Corvalán (1988), cabe à Sociolingüística incorporar uma análise detalhada dos fatos em que incidem a variação, examinar as atitudes dos falantes diante das diversas realizações e as variáveis sociais associadas a elas,

investigar a possibilidade de que se trate de uma mudança fonológica, com isso, se preocupar de examinar sua difusão no sistema tanto lingüístico como social.

Segundo o ponto de vista de Silva-Corvalan (1988, p.90) “a preocupação basicamente da Sociolingüística e identificar processos de mudanca lingüística em curso e estabelecer as fronteiras sociais de certos usos lingüísticos”.

A Sociolingüística, uma das áreas da Lingüística, estuda a língua em função da sociedade, fixou-se como campo de estudo, em 1964, precisamente em um congresso organizado por William Bright. Conforme Mussalim (2001,p.28), “a proposta de Bright para a sociolingüística e a de que ela deve ‘demonstrar a covariação sistemática das variaoes lingüística e social’”. Ou seja, relacionar as variaoes lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciaoes existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Portanto, para Bright, o objeto de estudo da Sociolingüística e a diversidade lingüística, com base no estudo da língua falada, descrita e analisada em seu contexto social, isto e, em situaoes reais de uso. Seu ponto de partida e a comunidade lingüística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos. O autor, deste modo, levanta uma série de fatores socialmente definidos, aos quais a variação sociolingüística pode estar relacionada, dentre os quais: identidade social do emissor, do receptor, o contexto social e as atitudes lingüísticas do falante.

Percebe-se que o estudo da variação em relação a sociedade, a Sociolingüística, nasce marcado por uma origem interdisciplinar, isto e, lingüistas e estudiosos das ciências sociais procuram definir as funoes da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade. Romaine (apud MONTEIRO, 2000, p. 25) informa que o termo ‘sociolingüística’ refere-se “s perspectivas conjuntas que os lingüistas e sociólogos mantinham face às questoes sobre as influências da linguagem na sociedade e sobre o contexto social da diversidade lingüística”.

Coube a Bright fixar um campo de estudos em torno da Sociolingüística. Todavia, e William Labov que mais aprofunda e sublinha o papel decisivo da Sociolingüística, sendo, portanto, reconhecido como mentor da Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação. Labov salienta os fatores sociais na explicação da variação lingüística, isto e, na diversidade lingüística, a partir da publicação do seu cebre trabalho sobre a comunidade da Ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts. Em 1963, Labov salienta o papel decisivo dos fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento lingüístico manifesto dos vineyardenses, sobretudo a pronúncia, a centralização dos ditongos /ay/,/aw/ e sua propagação no ambiente prosódico, fonético e estilístico. No ano seguinte, finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês de Nova York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenmeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas. Esses estudos são de grande impacto para a Lingüística Contemporânea, pois o modelo de tais estudos passa a ser conhecido como Sociolingüística Variacionista, Quantitativa ou Teoria da Variação.

Para Labov, a linguagem e manifestada no contexto social e, sobretudo, em situaoes informais, o que significa dizer que a heterogeneidade e inerente ao sistema lingüístico. A língua relaciona-se, deste modo, a fenmenos lingüísticos e extralingüísticos. No dizer de Monteiro (2000, p.16) “[...] para Labov, todo enfoque lingüístico teria que necessariamente ser social, em virtude da natureza do fenmeno que e a linguagem”.

Do ponto de vista lingüístico, Labov apresenta uma possibilidade de variação enquanto fator de identificação social, pois e a variação que d a Sociolingüística o estatuto de estudar o

fenômeno da diversidade lingüística, cabendo portanto, à Sociolingüística correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o social e o lingüístico, como fenômenos estruturados e regulares.

As ocorrências da variação no topônimo Baiacu foram analisadas em separado para homem e para mulher, a fim de melhor observar, na seleção dos grupos, os fatores significativos que refletem corretamente os ambientes condicionantes da acentuação na oxítônica [Baja'ku] e na paroxítônica [Baj'aku]. No entanto, a análise selecionou sempre os grupos de fatores faixa etária e gênero, passando as duas variáveis, desde o início, a serem analisadas simultaneamente.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria; CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. In: MUSSALIM Fernanda; BENTES, Ana Chrisitna (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.p.21-49.

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 5.ed.Rio de Janeiro: Delta, 1970.

BISOL, Leda. (1981). Harmonização vocálica. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ.

BISOL, Leda; BRESANCINI, Cláudia (orgs.). Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BLOOMFIELD, Leonard (1933). Language. London: George Allen & Unwrn. 1935.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Monsanto: etnografia e linguagem. Publicações de Centro de Estudos Filológicos. Lisboa: Sá da Costa; 1961.

CALVET, Louis-Jean. Sociolingüística: uma introdução crítica. Parábola (Tradução Marcos Marcionilo), 2002.

CÂMARA JR., J. Mattoso. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Rditora Ltda, 1977.

_____. Estrutura da língua portuguesa. 35ª ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2002.

CALLOU, Dinah Maria Isensée et al. Variação e diferenciação dialetal. In: KOCH, I. (org.). Gramática do português falado.v.VI, 465-493. Campinas, UNICAMP, 1996.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à fonologia. 9ª ED. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____, 1991. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. Organon, vol.5 (18):71-78, Porto Alegre.

_____, 1991.Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. Organon, vol.5 (18):87-113, Porto Alegre.

CÂMARA JR., J.M. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CAMPOY, Juan Manuel Hernández; ALMEIDA, Manuel. Metodología de la investigación sociolingüística. Málaga: Reditorial Comares, 2005.

CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. 2ªed. São Paulo, Cortez, 2001, p. 105-146.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. La Dialectología. Trad. de Carmem Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994. [Dialectology. Cambridge, University press, s.d.].

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES, COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR. Informações básicas dos municípios baianos: região metropolitana de Salvador - CEI/CONDER, 1994.

CRYSTAL, David. Dicionário de língua e fonética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). Atlas Lingüístico do Brasil: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001. 47 p.

COSERIU, Eugenio. Introducción a la lingüística. México: UNAM, 1983.

_____. Lições de lingüística geral. Tradução: México; Livro técnico, 1980.

_____. Teoría del lenguaje y lingüística general. 3 ed. revisada y corregida. Madrid: Gredos. 1973.

FERREIRA, Carlota, MOTA, Jacyra, FREITAS, Judith [et.al](#). Atlas Lingüístico de Sergipe. Salvador. UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2.ed.rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HEINE, Lícia. Considerações sobre o estruturalismo norte-americano. Universidade Federal da Bahia/NUPEC, 2004.

JAKOBSON, Romam. Fonema e fonologia. Rio de Janeiro, Acadêmico, 1967.

LABOV, William. Modelos sociolingüísticos. Trad. De José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983. [Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972].

_____. Principles of linguistic change.v.1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994; V.2. Social Factors. Massachusetts/Oxford:Blackwell, 2001.

LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1993.

LYONS, John. Língua e lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MOLLICA, MARIA Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.35.n.1. p.275-284, mar.2000.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2ªed. São Paulo, Cortez, 2001, p.181-206.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. 2 ed. Rio de Janeiro, Simões.

PAGOTTO, Emílio Gozze. Variação e identidade. Maceió: EDUFAL, 2004.

PERRONE, Maria da Conceição Costa. Os caboclos de Itaparica: história, música e simbolismo. 1995. (201f.) Dissertação (Mestrado em Música)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. A mudança linguística. In: Linguística e literatura: ensaios. Salvador: Quarteto, 2004. p.9-16.

PIEL, Joseph. A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português (1940). In: Estudos de linguística histórico galego-portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p.201-212.

POUTIGNAT, Philippe; FENART-STREIF, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguidos de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

KRISTEVA, Júlia. História da linguagem. Trad. de Maria Margarida Banahona. Lisboa: Livraria Martins Fontes. São Paulo, 1983.

RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, D. (orgs.). Linguistic variation: models and methods. New York, Academic Press, 1978.

SAPIR, E. A linguagem: uma introdução ao estudo da fala. 2 ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.

_____. The psychological reality of phonemes. In: MANDELBAUM, D.G.(org.). Selected writings of Edward Sapir. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1944, p. 46-60.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 1977.

SANTOS, Denise Gomes Dias. O léxico da casa de farinha. 1996. (149?) f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

SECRETARIA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DE ITAPARICA. Guia informativo do município de Itaparica (revisto, ampliado e atualizado). Ilha de Itaparica/Bahia, 2002, p. (30?).

SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. Guia cultural da Bahia: região metropolitana de Salvador. Governo do Estado da Bahia. Vol. VI. Salvador, 1998, p. 61-67/147-164.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; SILVA, Giselle M. de Oliveira e. (orgs.). Padrões Sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

SCHUY, R. Wolfran, W. & RILEY, W. K. A study of social dialects. In: Detroit Project 6-1347. Washington, d.C., Office of Education, 1967.

SILVA, Thaís Cristóforo. Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 8^a. 2005.

SILVA-CORVÁLAN, Carmen. Sociolingüística. Teoria y análisis. Madrid: Alhambra, 1989.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. (org.). Fotografias sociolingüísticas. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. Organon, vol.18 (número sobre A variação no português do Brasil). Porto Alegre. UFRS - Instituto de Letras, 1991, k p.11-22.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics: a Introduction. Great Britain: Penguin Books, 1975.

OSÓRIO, Ubaldo. A ilha de Itaparica: história e tradição. 7 ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

VIEIRA, Hilda Gomes. Tipos de questionário para um Atlas lingüístico-etnográfico: elaboração e aplicação. ABRALIN. v.2; p.230.

VIDOS, B.E. Manual de Lingüística Românica. Traducción de la edición a por francisco de B. Moll. Madrid: Aguilar, 1973.